

Shapiro, L. (2019). Princess Elisabeth of Bohemia as a Cartesian. In S. Nadler, T. M. Schmaltz, & D. Antoine-Mahut (Orgs.), *The Oxford Handbook of Descartes and Cartesianism* (pp. 287–302). Oxford University Press.

É notável termos em conta que, devido à inúmera série de comentários e interpretações direcionados às *Meditações metafísicas* e até mesmo aos *Princípios de filosofia* e ao *Discurso do método*, de Descartes, muitos de seus outros escritos e correspondências tomaram lugares secundários na análise do pensamento do filósofo. De igual forma, enquanto se destacam interlocutores como Gassendi e Mersenne, por conta de suas influências na divulgação e discussão das *Meditações*, alguns outros são colocados em segundo plano e, muitas vezes, possuem suas vozes suprimidas, apesar da grande relevância intelectual que possuem e que demonstram ao argumentar e objetar as ideias de Descartes.

Parece ser este o caso da princesa Elisabeth da Boêmia e, conseqüentemente, de suas correspondências com o filósofo francês. Com isso em vista, faz-se necessário dar protagonismo, hoje em dia, não apenas a estas obras, correspondências e interlocutores que são postos em segundo plano, mas também àqueles que dedicam seus estudos a essa espécie de “lado B” da história da filosofia, que assim o é apenas por causa de convenções e tradições, e não por sua inferioridade ao “lado A” que é sempre analisado e discutido.

Uma vez dito isso, o que esta resenha busca é a apresentação e análise do artigo *Princess Elisabeth of Bohemia as a Cartesian* (Princesa Elisabeth da Boêmia enquanto uma cartesiana) – publicado como o décimo sétimo capítulo do livro *The Oxford Handbook of Descartes and Cartesianism* –, da comentadora Lisa Shapiro, também tradutora das correspondências entre Descartes e Elisabeth para a língua inglesa e grande pesquisadora do tema.

Neste artigo, Shapiro assume o compromisso de analisar a possível filiação da princesa Elisabeth ao cartesianismo. Para isso, objetiva identificar em qual grau se pode dizer que a princesa da Boêmia aderiu às ideias cartesianas, subdividindo seus argumentos em três grupos maiores, os quais já expõe logo de início no resumo, e que serão por nós utilizados como eixos de apresentação de seu artigo, isto é, nossa resenha se guiará por expor como os argumentos de Shapiro fundamentam, ou não, seu objetivo. São eles: considerar o papel de Elisabeth na rede intelectual através da qual a filosofia de Descartes foi disseminada; expor sua própria adoção das ideias filosóficas de Descartes, em particular de sua metafísica; analisar seu papel no desenvolvimento da ética de Descartes (p. 287).

Curioso notar que a primeira seção do texto da comentadora, que se segue ao resumo, é referente à biografia de Elisabeth. Apesar de não ser muito comum a presença de biografias em artigos, este recurso veio bem a calhar no caso em questão. Através dela, Shapiro fornece elementos de sustentação ao seu primeiro argumento – considerar o papel de Elisabeth na rede intelectual através da qual a filosofia de Descartes foi disseminada –, uma vez que foca as informações biográficas da princesa em sua rede de contatos, demonstrando sua influência diante de seus contemporâneos. Por esta biografia, tomamos consciência de informações tais como as de que, em 1634, Elisabeth organizou um debate a respeito do tema da verdade entre Descartes e John Drury, na corte de sua mãe em Hague; de que em 1639 desenvolvia o papel de estadista, enviando condolências em nome de sua mãe; de que em 1640 se correspondeu com Thomas Roe para libertar seu irmão da prisão e, além disso, que Edward Reynolds dedicou, no mesmo ano, um de seus tratados à princesa; de que em 1643 começou suas correspondências com Descartes; e de que, por fim, ela também entrou para o convento luterano e logo se tornou abadessa, em 1667, mantendo ativa suas atividades intelectuais e abrigando grupos religiosos minoritários como, por exemplo, os Quakers.

Uma vez expostas tais informações, e estando agora nítida um pouco da atuação e importância de Elisabeth no século XVII, em *Intellectual Networks*, Shapiro busca demonstrar a forma pela qual a princesa inseria Descartes em sua rede intelectual, evidenciando o meio pelo qual disseminava as ideias do filósofo francês. A comentadora faz isso por meio de perspicazes exemplos, que deixam nítido a força e validade de seu primeiro eixo argumentativo.

Cita, por exemplo, uma correspondência de John Pell com outro matemático, discutindo um pensador chamado J. Leuhenscholoss, na qual Pell comenta que seu interlocutor dizia ser tal pensador um profundo cartesiano, mas que ele próprio “[...] não se professou como tal, enquanto a Princesa Elisabeth estava em Heidelberg”, mas, uma vez que ela se foi, agora Leuhenscholoss “[...] pode, com justiça, dizer que ele entende Descartes melhor que qualquer um naquela universidade” (pp. 291-92).

Além disso, nos diz Shapiro que através das correspondências entre Descartes e Elisabeth, fica nítido que a princesa “[...] aproveita sua rede intelectual para facilitar a circulação da física e da medicina de Descartes”. Na carta de 1 de agosto de 1644, por exemplo, Elisabeth diz que “[...] o mais razoável de nossos doutores deste país confessou para mim que ele não os estudou [os princípios de Descartes], por causa de ser muito velho para iniciar um novo método” (AT IV.132/S 83 *apud* Shapiro, 2019, p. 292).

Ainda teria a princesa organizado a tradução de Digby para o latim, por intermédio de Samson Jonsson, para que Descartes pudesse interagir com ele diretamente e, já em 1646, quando deixou Hague para ir à Alemanha, prometeu ao Duque de Brunswick-Lunenburg uma cópia dos textos do filósofo francês, além de enviar uma cópia dos *Princípios de filosofia* a um médico chamado Weis, que já possuía familiaridade com os escritos de Descartes. Shapiro também traz à tona que o fim da correspondência entre Descartes e Elisabeth levanta preocupações e estratégias para uma possível aproximação com a rainha Christina da Suécia.

Uma vez analisado este primeiro eixo, devemos ter em conta que ele nada influencia nos outros dois, pois uma coisa é ser Elisabeth uma divulgadora das ideias e obras de Descartes, outra é ela própria ter adotado para si as teses de Descartes. Sendo assim, Shapiro, consciente de tal distinção, nos aponta em sua seção *Descartes's Metaphysics and Physics*, que Elisabeth nada tinha contra a metafísica cartesiana e, como exemplo, utiliza o diálogo que ocorre entre eles sobre a interação entre corpo e alma para demonstrar este fato. Por outro lado, a questão que a princesa teria com Descartes, e que não é bem resolvida nas cartas, segundo Shapiro, é a possibilidade, em termos físicos e não metafísicos, como pretendia Gassendi em suas objeções a Descartes, da possibilidade de interação entre tais substância. Como a comentadora bem nos aponta: “Ela está disposta a concordar com a consistência metafísica de uma substância pensante não extensa afetar uma substância extensa não pensante, desde que a natureza da causação que envolve essa interação possa ser explicada” (p. 293).

Apesar dessa dissidência na questão entre a união corpo e mente, Shapiro elucida que em outras matérias físicas, Descartes e Elisabeth possuíam grande concordância. Um exemplo disso se dá nas questões que envolvem a constatação da “ineficácia de explicações fornecidas mediante a consideração da causa eficiente” (p. 300) e da necessidade de se constatar, no campo da medicina, as causas que tornam certo tratamento ou remédio eficazes contra determinada enfermidade.

Também nos diz Shapiro, e aqui passamos ao terceiro eixo de sua argumentação, que Elisabeth teve alguma influência na ética de Descartes, sendo que, após um pedido da princesa – para que ele passasse a explicar “[...] como a força das paixões pode ser melhor utilizada quando submetida à razão” (AT IV.289-90/S 110-11 *apud* Shapiro, 2019, p. 296) – o filósofo francês se volta então a “[...] fazer rascunhos do que se tornaria o *Tratado das paixões da alma*” (p. 296), estando sempre em constante diálogo com Elisabeth, que tecia comentários críticos a Descartes e ao conteúdo de sua ética.

Porém, ressalta a comentadora, apesar desta influência da princesa no início da escrita do *Tratado das paixões*, é difícil precisar até que ponto suas recomendações e questionamentos foram utilizados para seu desenvolvimento, por conta da discordância em questões éticas entre eles. Na seção *Descartes's Ethics*, Shapiro aponta vários exemplos desta disputa. Um deles que podemos oferecer é o de que, enquanto para Descartes a virtude e o contentamento dependem somente de que se seja “[...] decidido a fazer o que nós tivermos julgado ser o melhor”, uma vez sendo este julgamento derivado de “[...] nosso uso da razão o quão melhor pudermos” (p. 297), para Elisabeth, o ponto é outro. Para ela, a virtude e o contentamento também dependem de fatores externos ao indivíduo, por exemplo, da “[...] sorte de se ter uma constituição corpórea que nos permita raciocinar bem”. Além disso, a princesa objeta que “[...] raciocinar bem sobre questões práticas requer a capacidade de se ter um perfeito conhecimento do valor das coisas” (p. 297), o que humanamente é impossível, uma vez que não somos oniscientes. Apesar da ressalva da princesa, Descartes mantém sua posição original nas *Paixões da alma*.

Diante do que foi aqui levantado, seria então Elisabeth uma cartesiana? Esta é a pergunta que inaugura a última seção do texto de Shapiro e que possui, por sinal, uma resposta, no mínimo, curiosa e polêmica. Diz a comentadora que Elisabeth pode ser considerada enquanto cartesiana dependendo da matéria contida na filosofia de Descartes que estamos falando. Deste modo, segundo a comentadora, seria necessário “[...] distinguir entre duas áreas gerais de discussão na correspondência: a filosofia natural e a ética” (p. 299). Assim sendo, apesar de consonante ao filósofo francês em grande parte de suas teses em filosofia natural, o cartesianismo da princesa “[...] não se estende a tanto” (p. 300) no que se refere à filosofia prática do autor.

É com esta conclusão que Shapiro encerra seu texto, nos deixando, ainda que implicitamente, uma questão que pode ser levantada diante de sua fala de que Elisabeth é “parcialmente” cartesiana. Esta questão se elabora ao pensarmos se é, de fato, possível a alguém ser parcialmente cartesiano, uma vez entendido o cartesianismo como o conjunto de obras de Descartes, sem incorrer em contradição. Devemos nos lembrar do que disse o filósofo francês em sua famosa analogia entre a filosofia e a árvore. Diz ele que:

Assim, a Filosofia é como uma árvore, cujas raízes são a Metafísica, o tronco a Física, e os ramos que saem do tronco são todas as outras ciências, que se reduzem a três principais: a Medicina, a Mecânica e a Moral, entendendo por Moral a mais elevada e mais perfeita, porque pressupõe um conhecimento integral das outras ciências, e é o último grau da sabedoria. (Descartes, 1983, p. 22; AT IX, p. 14)

Ora, se para Descartes a filosofia é interdependente entre suas partes, como fica evidente nesta citação, e uma vez admitido que a moral é “a mais elevada e perfeita das ciências”, “porque pressupõe um conhecimento integral das outras ciências, e é o último grau da sabedoria”, como poderia ser possível a alguém ser cartesiano e discordar da disciplina que é a coroação de todo o sistema, ou melhor, aquela que demonstra, no campo prático, toda a integridade do campo teórico?

Não nos parece haver graus de cartesianismo quando por cartesianismo nos referimos ao conjunto das obras e teses de Descartes, pois todas elas coadunam para a construção de um único sistema, interdependente entre suas partes e que, ao mínimo sinal de falha em um dos componentes da árvore, todo o resto cai em desuso. Em outras palavras, ou se é cartesiano no todo das disciplinas ou em nenhuma delas. Desse modo, nos parece ser mais válido dizer que Elisabeth não é cartesiana, mas sim que se utilizou de certos aspectos do cartesianismo, quando necessário para compreender questões por ela levantadas, sem nunca se preocupar em defender a todo custo as teses de Descartes ou de ser uma discípula de sua filosofia ou uma perpetuadora de suas teses.

Apesar de nossa discordância com as conclusões de Shapiro, não pretendemos aqui uma completa ou sistêmica refutação de seu artigo, mas levantar uma questão a ser discutida, que nos parece pertinente, no que concerne ao vínculo e comprometimento de Elisabeth às teses de Descartes, e que pode ser colocada mediante o rico trabalho bibliográfico e biográfico que nos é entregue pela comentadora e que nos dispõe à discussão.

Referências

- Descartes, R. (1996). *Œuvres* (Vol. 9). Vrin. (Publiées par Charles Adam et Paul Tannery en 1904)
- Descartes, R. (1983). *Princípios de filosofia* (J. Gama, Trad.). Edições 70.
- Shapiro, L. (2019). Princess Elisabeth of Bohemia as a Cartesian. In S. Nadler, T. M. Schmalz, & D. Antoine-Mahut (Orgs.), *The Oxford Handbook of Descartes and Cartesianism* (pp. 287–302). Oxford University Press.

Jonathan Alvarenga¹ 

Universidade Estadual de Campinas – Campinas, Brasil
jonathanalvarenga09@gmail.com

¹ Mestrando em filosofia da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e bolsista de mestrado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Recebido em: 26 de abril de 2021

Revisado em: 20 de maio de 2022

Aprovado em: 21 de maio de 2022



Este é um texto de acesso aberto distribuído sob os termos da Creative Commons Attribution License.